



## ÁLVARO DE CAMPOS

### 13. FATALIDADE

*Antevê a morte e recorda Alberto Caeiro.*

António Pedro  
(1909-1966). «Ave-  
jão Lírico». 1939.  
Col. part.



«E de repente se abrirá a última porta das coisas, e Deus,  
como um Homem, me aparecerá por fim.»

#### ODE MORTAL

Tu, Caeiro meu mestre, qualquer que seja o corpo  
Com que vestes agora, distante ou próximo, a essência  
Da tua alma universal localizada,  
Do teu corpo divino intelectual. . .

Viste com a tua cegueira perfeita, sabes o não ver. . .  
Porque o que viste com os teus dedos materiais e admiráveis  
Foi a face sensível e não a face fisiognomónica das coisas  
Foi a realidade, e não o real.  
É à luz que ela é visível,  
E ela só é visível porque há luz,  
Porque a verdade que é tudo é só a verdade que há em tudo  
E a verdade que há em tudo é a verdade que o excede!

Ah, sem receio!  
Ah, sem angústia!  
Ah, sem cansaço antecipado da marcha  
Nem cadáver velado pelo próprio cadáver na alma  
Nas noites em que o vento assobia no mundo deserto

E a casa onde durmo é um túmulo de tudo,  
Nem o sentir-se muito importante sentindo-se cadáver,  
Nem a consciência de não ter consciência dentro de tábuas e chumbo,  
Nem nada...  
Olho o céu do dia, espelha o céu da noite  
E este universo esférico e côncavo  
Vejo-o como um espelho dentro do qual vivemos,  
Limitado porque é a parte de dentro  
Mas com estrelas e o sol rasgando o visível  
Por fora, para o convexo que é infinito...  
E aí, no Verdadeiro,  
Tirarei os astros e a vida da algibeira como um presente ao Certo,  
Lerei a Vida de novo, como numa carta guardada  
E então, com luz melhor, perceberei a letra e saberei.

O cais está cheio de gente a ver-me partir.  
Mas o cais é à minha volta e eu encho o navio —  
E o navio é cama, caixão, sepultura — E eu não sei o que sou pois já não estou  
ali...

E eu, que cantei  
A civilização moderna, aliás igual à antiga,  
As coisas do meu tempo só porque esse tempo foi meu,  
As máquinas, os motores,  
(...)  
Vou em diagonal a tudo para cima.  
Passo pelos interstícios de tudo,  
E como um pó sem ser rompo o invólucro  
E partirei, globe-trotter do Divino,  
Quantas vezes, quem sabe?, regressando ao mesmo ponto  
(Quem anda de noite que sabe do andar e da noite?),  
Levarei na sacola o conjunto do visto —  
O céu e de estrelas, e o sol em todos os modos,  
E todas as estações e as suas maneiras de cores,  
E os campos, e as serras, e as terras que cessam em praias  
E o mar para além, e o para além do mar que há além.

E de repente se abrirá a Última Porta das coisas,  
E Deus, como um Homem, me aparecerá por fim.  
E será o Inesperado que eu esperava —  
O Desconhecido que eu conheci sempre —  
O único que eu sempre conheci,  
E (...)

Gritai de alegria, gritai comigo, gritai,  
Coisas cheias, sobre-cheias,  
Que sois minha vida turbilhonante...  
Eu vou sair da esfera oca  
Não por uma estrela, mas pela luz de um estrela —  
Vou para o espaço real...  
Que o espaço cá dentro é espaço por estar fechado  
E só parece infinito por estar fechado muito longe —  
Muito longe em pensá-lo.

A minha mão está já no puxador-luz.  
Vou abrir com um gesto largo,  
Com um gesto autêntico e mágico  
A porta para o Convexo,  
A janela para o Informe,  
A razão para o maravilhoso definitivo.

Vou poder circum-navegar por fora este dentro  
Que tem as estrelas no fim, vou ter o céu  
Por baixo do sobrado curvo —  
Tecto da cave das coisas reais,  
Da abóbada nocturna da morte e da vida...

Vou partir para FORA,  
Para o Arredor Infinito,  
Para a circunferência exterior, metafísica,  
Para a luz por fora da noite,  
Para a Vida-morte por fora da morte-Vida.

12-1-1927

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 68.